

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2022 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p> http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.37470</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Estressores ocupacionais e docência na educação básica: relatos de professores atuantes em escolas públicas

Occupational stressors and teaching in basic education: reports of public school teachers

Estresores ocupacionales y enseñanza en educación básica: informes de profesores en escuelas públicas

Virgínia D. Carvalho¹

orcid.org/0000-0001-7929-0466

virginiadcarvalho@gmail.com

Recebido em: 27 mar. 2020.

Aprovado em: 20 jul. 2021.

Publicado em: 25 nov. 2022.

Resumo: O estresse laboral se desencadeia com a emergência de estímulos aversivos no ambiente de trabalho, que foram abordados nesse estudo, cujo objetivo foi caracterizar os estressores ocupacionais no exercício da atividade docente a partir dos relatos de professores atuantes em duas instituições públicas de educação básica, situadas na região sul de Minas Gerais. A análise de conteúdo revelou como estressores mais enfatizados pelos docentes os fatores intrínsecos ao trabalho (infraestrutura deficitária das escolas, sobrecarga quantitativa e qualitativa de tarefas), os relacionamentos no trabalho (baixo suporte de pais/responsáveis, dificuldades na relação com os alunos) e o papel na organização (sobrecarga de papéis, conflito entre transmissores de papel, grau de responsabilidade). Os resultados, além de contribuírem para desvelar peculiaridades da realidade enfocada e refletir sobre o conteúdo da tipologia de estressores adotada, com possíveis subsídios à construção e refinamento de medidas, facilitaram visualizar tendências gerais na organização do trabalho, como a precarização.

Palavras-chave: estresse, trabalho docente, escolas públicas

Abstract: Work stress is triggered by the emergence of aversive stimuli in the work environment, defined as occupational stressors, addressed in this study, which aimed at characterizing the occupational stressors in teaching by analyzing reports from teachers working at two public schools located in the southern Minas Gerais, Brazil. The content analysis has showed three major categories of stressors emphasized by the respondents: intrinsic job characteristics (poor working conditions, quantitative and qualitative workload), work relationships (lack of support from pupils' parents, difficult teacher-pupils relationships) organizational roles (role overload, intersender role conflict, responsibility). In addition to show some features of the context under study and to contribute to reflect on the content of the typology of stressors adopted, with possible subsidies to the construction and refinement of measures, the results provided an overview of general trends in the work organization, such as precariousness.

Palavras-chave: stress, teacher's work, public schools

Resumen: El estrés laboral se desencadena por la aparición de estímulos aversivos en entorno laboral, abordados em este estudio, que tuvo como objetivo caracterizar los estresores ocupacionales en el ejercicio de la actividad docente a partir de los relatos de docentes que laboran en dos instituciones públicas de educación básica, en la región sur de Minas Gerais, Brazil. El análisis de contenido reveló como estresores más enfatizados: factores intrínsecos al trabajo (infraestructura deficiente, sobrecarga cuantitativa y cualitativa de tareas), relaciones en trabajo (bajo apoyo de los padres, dificultades en la relación con los estudiantes) y rol en la organización (sobrecarga de roles, conflicto entre



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Varginha, MG, Brasil.

transmisores de papel, responsabilidad). Además de contribuir a desvelar peculiaridades de la realidad focalizada y reflexionar sobre el contenido de la tipología de estresores adoptada, con posibles subsidios a la construcción y refinamiento de medidas, los resultados facilitaron la visualización de tendencias generales en la organización del trabajo, tales como precariedad.

Palabras clave: estrés, trabajo docente, escuelas publicas

A compreensão do trabalho como elemento de construção e expressão do sujeito, o qual viabiliza sua sobrevivência e realização é recorrente entre vários autores (e.g., Borges et al. 2013; Codo et al., 2004), os quais salientam o papel que desempenham as condições sob as quais esse trabalho é realizado na promoção da saúde ou adoecimento do trabalhador. Nessa vertente, as pesquisas sobre a relação entre saúde psíquica e trabalho cresceram nas últimas décadas, sendo analisadas a partir de diferentes temas e abordagens, dentre os quais se destacam a abordagem de estresse laboral, compreendido como um processo que envolve a conjugação de estímulos externos advindos do contexto de trabalho (também denominados como estressores ocupacionais), de reações frente a tais estímulos e de consequências que envolvem a saúde e o bem-estar do trabalhador (Codo et al., 2004; Cooper et al., 2001; Zanelli, 2015).

Sua compreensão a partir de uma perspectiva transaccional enfatiza o estresse como um processo dinâmico entre o sujeito e o ambiente, salientando a importância de se atentar para as percepções individuais acerca dos estressores ambientais, uma vez que essas definirão a existência da condição de estresse, bem como as reações e consequências produzidas (Cooper et al., 2001). Há que se salientar, porém, que o estresse é um processo que se desenvolve não apenas no nível individual, mas se caracteriza também como fenômeno coletivo, dado que o significado que lhe é atribuído se constrói em interação e isso conduz a refletir que na sua análise deva se considerar o sujeito inserido em seu contexto (Gomes & Puente-Palacios, 2018; Dewe & Cooper, 2021). Impõe-se, ainda, reconhecer que os fatores socioculturais, históricos e econômicos, que permeiam a organização do

trabalho na sociedade, desempenham um papel inegável na configuração desse fenômeno (Silva, 2019; Väänänen et al., 2012; Viapiana et al., 2018).

Assim, reconhecendo que a forma como se define o estresse tem impacto no modo como a pesquisa é desenvolvida, o presente estudo se apoia nas definições ora apresentadas e elege como variáveis de enfoque os estressores ocupacionais. Dentre os estudos que têm sido desenvolvidos no intuito de elencar as principais classes de estressores presentes nas situações de trabalho, destacam-se as contribuições do modelo teórico desenvolvido por Cooper e colaboradores (e.g., Cooper & Marshall, 1976; Cooper et al., 2001), os quais definem como fontes de estresse os fatores intrínsecos ao trabalho, o papel na organização, os relacionamentos no trabalho, o desenvolvimento de carreira, os fatores organizacionais e a interface trabalho-família. Tal classificação reuniu um conjunto de estressores clássicos, que têm sido abordados isolada ou conjuntamente por vários autores (Beehr & Glazer, 2005; Jex & Britt, 2008; Semmer et al., 2015).

Estes estressores podem se manifestar em diferentes contextos laborais, afetando trabalhadores em categorias ocupacionais diversas, embora as evidências indiquem que há certas profissões que apresentam maior vulnerabilidade a esse problema, destacando-se, dentre elas, a docência (Biolim et al., 2019; Johnson et al., 2005). Observa-se no cenário internacional (e.g., Gutierrez, 2017; Mouza & Souchamvali, 2016; Skaalvik & Skaalvik, 2017; Zurlo et al., 2007), mas especialmente no Brasil, um crescimento das demandas e pressões sobre o professor, acompanhadas por um processo de precarização e desvalorização da atividade, que contribuem para situá-la entre as chamadas ocupações de "alto risco" e para a ocorrência de agravos à saúde desses profissionais (Assunção & Abreu, 2019; Vale et al., 2015; Tostes et al., 2018). Tal cenário tende a adquirir contornos mais dramáticos no contexto da educação básica em escolas públicas e a problemática se amplia ao considerar o papel de elevada significância social desempenhado pelo professor e as repercussões que os preju-

izos à sua saúde podem ter sobre a qualidade do ensino.

Desde a década de 1990, vários estudiosos têm se dedicado às pesquisas sobre a saúde do professor em escolas públicas no Brasil (Araújo et al., 2019), seja abordando as manifestações mais comuns de adoecimento no trabalho (e.g., Albuquerque et al., 2018; Cortez et al., 2017) ou o estresse laboral (e.g., Pereira et al., 2014; Reis et al., 2005; Rodrigues et al., 2017; Valle et al., 2011). Algumas tendências observadas são de que a grande maioria destes fez uso de metodologias quantitativas, conforme a tradição nos estudos em estresse ocupacional; alguns utilizaram o modelo Demanda/Controle de Karasek (e.g., Birolim et al., 2019; Pereira et al., 2014; Reis et al., 2005) e outros realizaram a análise dos estressores ocupacionais na docência desarticulada a modelos teóricos pré-existentes (e.g., Carlotto et al., 2018; Vale et al., 2015; Weber et al., 2015).

Não foram constatadas iniciativas de análise que buscassem caracterizar os estressores ocupacionais na docência da educação básica à luz dos desenvolvimentos teóricos que culminaram na construção de tipologias de estressores mais comuns nas situações gerais de trabalho, a exemplo daqueles reunidos no modelo de Cooper e colaboradores (Cooper & Marshall, 1976; Cooper et al., 2001). Entende-se que tal esforço de caracterização demanda, em princípio, a utilização de desenhos qualitativos de pesquisa, os quais, ao trazer descrições vívidas e enriquecidas da realidade em questão, facilitam sua análise a partir de um arcabouço teórico previamente construído. Nesse sentido, cumpre, retomar as ponderações de Cooper et al. (2001), os quais já salientavam a potencial contribuição dos estudos qualitativos à pesquisa em estresse, dado que, ao captarem os significados conferidos pelos sujeitos, facilitam progressos significativos na compreensão das variáveis envolvidas nesse fenômeno e o embasamento da construção e refinamento dos instrumentos de medida.

Com base nessas considerações, foi delineado o objetivo do presente estudo, que consistiu em caracterizar os estressores ocupacionais

no exercício da atividade docente a partir dos relatos de professores atuantes em duas instituições públicas de educação básica, situadas em município da região sul de Minas Gerais. Importa esclarecer que ao eleger como foco um dos componentes do processo de estresse (o estímulo), o presente estudo tem claro que as discussões aqui apresentadas se restringem a apenas uma das dimensões que configuram esse fenômeno.

Método

Participantes

A população do estudo constituiu-se pelos servidores docentes lotados em duas escolas públicas de educação básica, sendo uma da rede municipal e outra da rede estadual de ensino, situadas em município da região sul de Minas Gerais. Do total de 98 professores nas duas escolas, 50 se dispuseram a responder ao questionário sociodemográfico. A seleção da amostra de 12 sujeitos junto aos quais foram desenvolvidas as entrevistas para a abordagem dos estressores ocupacionais atendeu ao critério de acessibilidade, definindo-se o número de entrevistados com base no ponto de saturação. A faixa etária dos respondentes variou entre 27 e 58 anos (média=41,76/DP=7,79), sendo a grande maioria do sexo feminino (79,6%), casada (56%) e com pós-graduação, no nível de especialização (74%). A despeito da escolaridade elevada, constatou-se baixa remuneração, com 87,8% relatando renda familiar entre 1 e 5 salários mínimos, mesmo perante o acúmulo de cargos em diferentes instituições (52,2%). O tempo total de serviço na instituição variou de um mês a 27 anos (média=5,1 anos/DP=7,35). Todos os entrevistados contavam mais de um ano de experiência como docente.

Instrumentos utilizados

Tendo em vista os objetivos do projeto, foram utilizados dois instrumentos principais: um questionário sociodemográfico para mapear o perfil da população estudada e um roteiro de entrevista

com questões direcionadas ao levantamento da percepção dos envolvidos quanto aos principais estressores presentes na atividade docente. O referido roteiro foi organizado contendo nove questões estruturadas que provocavam as reflexões do interlocutor sobre diferentes aspectos do seu trabalho, bem como da interface trabalho e vida pessoal, tendo sido elaborado com base no marco conceitual que fundamenta o estudo e que serviu de base para a sistematização das fontes de tensão no trabalho. As questões iniciais solicitavam ao respondente que contasse um pouco seu trabalho e os principais desafios nele enfrentados. As demais abordaram aspectos relativos aos fatores intrínsecos ao trabalho, papel na organização, relacionamentos no trabalho, desenvolvimento de carreira, fatores organizacionais e interface trabalho-família, que se referem às seis categorias de estressores propostas por Cooper e colaboradores (Cooper & Marshall, 1976; Cooper et al., 2001).

Tal estratégia foi adotada com o intuito de contemplar o elemento em questão por meio de uma análise que possibilitasse pensar as experiências docentes com base nas categorias de estressores ocupacionais mais frequentemente estudadas na pesquisa sobre o tema. Dado que as abordagens qualitativas tendem a expor os significados construídos, entendeu-se que tal desenho facilitaria a compreensão do quanto tais categorias de estressores se aplicariam à realidade estudada e quais seriam as feições que nela assumiriam, facilitando um diálogo com a literatura da área ao situar as experiências dos professores frente aos problemas comuns que afetam, de modo geral, a força de trabalho.

Coleta de dados

A coleta das informações necessárias ao desenvolvimento do estudo ocorreu entre os meses de março a junho de 2017. A definição da estratégia de trabalho a ser adotada foi discutida com os gestores das instituições envolvidas, de modo que a aplicação do questionário sociodemográfico, em ambas as escolas, ocorreu durante reunião periódica da direção com os docentes.

Posteriormente, foram consultados aqueles que se disponibilizariam a conceder as entrevistas, as quais foram realizadas nas próprias dependências das escolas, nos horários mais convenientes para os participantes, sendo gravadas com a autorização deles. Todos os respondentes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo informações gerais sobre o estudo e a pesquisa foi aprovada e registrada no Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer de número 2.025.477.

Análise dos dados

Os dados coletados pelo questionário sociodemográfico foram tabulados e analisados por meio de procedimentos estatísticos descritivos para delinear o perfil dos respondentes. As entrevistas gravadas foram transcritas e a análise de conteúdo pautou o exame das informações obtidas (Bardin, 2018), mais especificamente, por meio da técnica de análise categorial temática. As categorias e as subcategorias de análise foram estabelecidas *a priori*, com base na classificação de estressores adotada no estudo (Cooper & Marshall, 1976; Cooper et al., 2001) e nas atualizações contempladas em instrumentos de medida desenvolvidos por esses autores (Johnson et al., 2005, Santos et al., 2018). Assim, trabalhou-se a partir de oito categorias, a saber: fatores intrínsecos ao trabalho, papel na organização, relacionamentos no trabalho, desenvolvimento de carreira, interface trabalho-família, fatores organizacionais, remuneração e benefícios, recursos e comunicação, das quais foram derivadas inicialmente 38 subcategorias. No decorrer da codificação, porém, mostrou-se necessário a adequação das subcategorias inicialmente propostas, com vistas a refletir com maior acurácia a realidade em exame, de modo que resultou ao final um total de 21 subcategorias de análise.

Apresentação e discussão dos resultados

A análise das informações coletadas, que resultou no delineamento das oito categorias de estressores ocupacionais, teve sua organização

estabelecida com base na frequência. Maior destaque foi conferido aos fatores intrínsecos ao trabalho, aos relacionamentos no trabalho e ao papel na organização. Interface trabalho-família e fatores organizacionais também foram contemplados e questões atinentes ao desenvolvimento de carreira, recursos e comunicação e remuneração e benefícios emergiram em menor proporção. Como os estressores não operam de forma isolada, mas aditiva e interativa (Cooper et al., 2001), buscou-se, na medida do possível, descrever os resultados relativos a cada categoria salientando os compartilhamentos de conteúdo e a dinamicidade do processo. Além disso, como as categorias e subcategorias delineadas focam elementos do contexto em que se inserem os pesquisados, contemplam o conjunto de percepções individuais e construções sociais de significado conferido às experiências de trabalho.

A categoria de estressores mais mencionada pelos docentes foi a de fatores intrínsecos ao trabalho, que podem abranger aspectos de natureza física e psicossocial, desde o nível de complexidade da tarefa e a carga de trabalho até o ambiente físico no qual ele é desenvolvido (Cooper et al., 2001). No presente estudo, esta envolveu três subcategorias mais relevantes: infraestrutura deficitária das escolas, sobrecarga quantitativa de tarefa e sobrecarga qualitativa de tarefa, as quais corroboram resultados de outras pesquisas sobre estressores ocupacionais no contexto da escola pública, seja em outras localidades do Brasil ou no cenário internacional, à exceção de um ponto observado no estudo de Vale et al. (2015), segundo o qual os aspectos físicos das escolas tiveram pequena relevância como estressor. Ainda que no presente estudo a falta de equipes multidisciplinares de apoio ao trabalho do professor tenha se mostrado relevante, a exemplo do que foi observado por Zurlo et al. (2007) em escolas italianas, os problemas do ambiente físico também foram frequentes nas falas dos professores².

Ah..., eu acho que a falta de estrutura da escola, a falta de apoio. Porque eu tenho muita vontade para trabalhar, sabe? Eu gosto do que eu faço (...) A estrutura da escola pública é muito deficitária. É horrível. Você vê a questão do prédio, a organização, tudo isso. (...) Então, nós não temos aqui psicólogos, assistente social. A gente não tem psicopedagogo, um apoio. Hoje nós temos um supervisor por turno para cuidar da parte pedagógica, né? (E2)

Mas assim, o que eu acho que tá, assim deixando a gente mais entristecida, é no sentido, assim, de você ver a falha do sistema (...) Você sabe que era colocar um professor recuperador para essa menininha (...), que às vezes ia ter um atendimento individualizado, porque você não consegue pegar no todo da sala. (E8)

Tal insuficiência da infraestrutura nas escolas, que se refere, de modo geral, às condições das instalações físicas e equipamentos disponíveis, bem como à ausência de equipes multidisciplinares de acompanhamento ao aluno, se traduz em baixas condições de trabalho que espelham as circunstâncias desfavoráveis vivenciadas pelo professor em sua rotina. "As escolas, os ambientes de trabalho pecam muito nas condições que precisam oferecer para o trabalhador" (E11). Transformam-se, assim, em um estressor por se constituírem como um impeditivo para que possam realizar satisfatoriamente seu trabalho.

Quanto à sobrecarga quantitativa de tarefa, que foi a segunda subcategoria mais frequente dentre os fatores intrínsecos ao trabalho, refere-se ao montante de trabalho designado a um profissional, em dado período de tempo (Jex & Britt, 2008; Cooper et al., 2001). No caso dos docentes, a demanda excessiva de obrigações às quais é submetido concerne às tarefas próprias da profissão, tais como preparar aulas, corrigir provas e trabalhos, realizar projetos, entregar diários. "Tem dia que você chega, tem prova para entregar, tem prova para corrigir, é trabalho para fazer, é diário que você tem que entregar. Você entendeu?" (E12). Têm, na grande maioria das vezes, porém, um agravante, dados os baixos salários que os levam a acumular turmas e cargos em mais de uma escola, espelhando uma tendência atual no mercado de trabalho, em que os indivíduos recebem cada vez menos para re-

² Com o objetivo de manter a confidencialidade da identidade dos entrevistados, eles serão designados com os códigos E1, E2, ..., E12.

alizer um maior número de tarefas (Zanelli, 2015) e refletindo na própria interface trabalho-família, conforme discutido adiante.

Eu tenho que dobrar turno porque o salário de professor é pouco. Com um turno só, com um salário só, eu não dou conta de pagar as contas, então eu tenho que trabalhar de manhã e à tarde. E a demanda de professor é grande, então levo muito serviço para casa. Então, até considero que eu trabalho três turnos: de manhã, de tarde e de noite e até final de semana (...). A demanda é grande. (E7)

Trata-se, de fato, de grave estressor entre os docentes, sendo quase uma unanimidade nos estudos, já tendo sido apontado por Reis et al. (2005), em termos de jornada de trabalho extensa, tarefas extraclasse e acúmulo de cargos em mais de uma escola; por Rodrigues et al. (2017), no aspecto da incompreensão pública sobre a carga de trabalho; Valle et al. (2011), com dupla jornada de trabalho e multiplicidade de tarefas; Pereira et al. (2014), que observaram trabalho excessivo; e, Vale et al. (2015), que apontaram a carga de trabalho como o segundo maior estressor entre os docentes. Igualmente, no cenário internacional, aparece como fator problemático nos estudos de Zurlo et al. (2007) e Skaalvik e Skaalvik (2017), embora nesse último tenha sido expresso em termos de pressão de tempo.

A terceira subcategoria mais relevante dentre os fatores intrínsecos ao trabalho, sobrecarga qualitativa de tarefa, refere-se às dificuldades que o professor enfrenta para vencer as defasagens de aprendizado por parte de seus alunos. "Então eu fico pensando: qual vai ser a estratégia para eu conseguir alcançar a todos? Mas você nunca alcança a todos. (...) Aí que entra a dificuldade" (E10). Embora não tenha sido identificada em estudos anteriores, tal subcategoria reflete um aspecto da realidade cotidiana dos docentes, dado que os resultados das avaliações lhes são causa de frustração por trazerem a constatação de que não estão conseguindo alcançar seus objetivos e não encontram respostas sobre como fazê-lo. Isso ilustra, mais uma vez, como os estressores operam de forma interativa, uma vez que parte dessas dificuldades por parte dos alunos deriva

da própria infraestrutura deficitária nas instituições, bem como da falta de suporte por parte dos familiares de alunos.

O maior desafio para nós é a dificuldade de aprendizagem dos alunos (...) aí você vai ver as provas externas, eles não vão bem. (...) a gente fica estressada, porque o resultado que ele tem na prova não é bom, os indícios não são bons e a nossa prática é que é falha (E8). Eu não consegui ainda chegar ao ponto de entender porque alguns alunos não aprendem. O que faltou? (...) Porque se for metodologia, a gente se vira, a gente mexe, arruma um jeito. (...) Então isso me deixa muito presa ainda. A gente às vezes quer cobrar mais de um que não vai. Aquele ali é o limite. Isso me causa estresse. Pra mim isso é uma causa muito grande de estresse. Eu queria fazer mais (...). (E9).

No que tange à segunda categoria mais frequente, relacionamentos no trabalho, também denominada como falta de suporte social ou conflito interpessoal (Jex & Britt, 2008), aparece comumente na literatura em termos de interações negativas com a chefia ou colegas de trabalho (Cooper et al., 2001; Jex & Britt, 2008). Os maiores problemas mencionados nas escolas aqui pesquisadas, todavia, foram constatados nas relações com os alunos e seus pais ou responsáveis, que são aqueles com os quais os docentes mais interagem. As subcategorias mais significativas foram, respectivamente, baixo suporte de pais e responsáveis, dificuldades no relacionamento com os alunos e desinteresse e apatia por parte deles.

A subcategoria baixo suporte de pais e responsáveis diz respeito à falta de apoio dos familiares do aluno no contexto escolar, se caracterizando como uma forma passiva de conflito interpessoal (Jex & Britt, 2008), pois os familiares não dão o devido suporte ao professor, seja em relação ao mau comportamento dos filhos ou ao incentivo ao estudo, o que tem sido recorrentemente relatado nas pesquisas (e.g., Carlotto et al., 2018; Gutierrez, 2017; Rodrigues et al., 2017; Vale et al., 2015; Valle et al., 2011; Zurlo et al., 2007). Para os professores entrevistados, o posicionamento negligente dos familiares em relação à vida escolar dos estudantes e a desvalorização do saber, muitas vezes decorrente da desestrutura dos lares, é

um obstáculo expressivo, uma vez que influencia diretamente na qualidade do aprendizado, tal como no comportamento. "Falta de incentivo dos pais, eu acho que está aí o grande problema. É a falta de incentivo, o estímulo de estudar. Não é só mandar o aluno para a escola. Acho que a coisa não é por aí" (E12).

Vários casos de indisciplina que a gente enfrenta em sala de aula se dão por conta da falta de estrutura que o menino tem dentro de casa. Então o aluno já vem para a escola com uma formação familiar deficitária, vamos dizer dessa forma. (...) às vezes, o aluno não tem nem acompanhamento dos pais nas atividades que a gente propõe (E2).

Mas não é somente a relação deficiente entre professor e familiares que revela ser um estressor, como mostra a subcategoria dificuldades no relacionamento com os alunos, a qual representa as dificuldades de convivência existentes em sala de aula (e.g., Carlotto et al., 2018; Gutierrez et al., 2017; Rodrigues et al., 2017; Skaalvik & Skaalvik, 2017; Vale et al., 2015; Weber et al., 2015; Zille & Cremonesi, 2013). No presente caso, a falta de educação dos alunos, a destruição do patrimônio da escola e a indisciplina, caracterizando uma forma ativa de conflito interpessoal (Jex & Britt, 2008), além de criar uma ambiência desagradável, também resultam em desgaste dos professores. Conforme aponta um dos entrevistados: "A gente era muito educado e hoje a gente não vê isso mais. [...] Eles estão vindo muito sem educação para a escola e isso me incomoda bastante" (E7). Outro entrevistado declarou: "[...] e o aluno aqui, ele também afronta, também querendo te humilhar, mas com uma linguagem, às vezes, desagradável. [...] E desgasta. De todos os lados, de todo o jeito, desgasta" (E6).

Além disso, outro desafio enfrentado pelo professor é a ausência de interesse do aluno em relação àquilo que lhe é apresentado na escola. Nesse sentido, a subcategoria designada como desinteresse e apatia dos alunos, previamente identificada em Skaalvik e Skaalvik (2017) como baixa motivação dos alunos, refere-se às posturas indiferentes e desanimadas dos mesmos, as quais podem ser classificadas, de acordo com Jex e

Britt (2008) como conflito interpessoal passivo.

Então é isso que eu acho que me incomoda muito. É faltar essa ardência dos alunos, sabe? Porque a gente vem com animação para ensinar. Aí vem... Um de cabeça baixa, o outro está encostado. Não valoriza. Tudo está bom. Se você não corrigir é melhor. Se você não fizer é melhor. Então isso entristece a gente. E quanto mais o tempo vai passando, mais anos de escolarização eles têm, acho que fica pior (E9).

O papel na organização foi o terceiro estressor mais referido e trata das expectativas sociais que exercem algum tipo de pressão sobre o indivíduo (Semmer et al., 2015), tendo como subcategorias predominantes a sobrecarga de papéis, o conflito entre transmissores de papel e o grau de responsabilidade. A sobrecarga de papéis, constatada em outros estudos junto a docentes (e.g., Carlotto, et al., 2018), tende a ocorrer quando não há tempo, capacitação ou recursos suficientes para cumprir os papéis demandados com a qualidade esperada (Cooper & Marshal, 1976; Cooper et al., 2001; Beehr & Glazer, 2005; Semmer et al., 2015). Conforme Beehr e Glazer (2005), em alguns casos, sobrecarga e conflito de papéis podem estar agrupados, como no presente estudo, em que o excesso de demandas que chegam ao professor provém de diferentes fontes, das quais emanam solicitações incompatíveis (conflito entre transmissores de papel) (Cooper et al., 2001; Beehr & Glazer, 2005; Jex & Britt, 2008). Isto fica claro nos trechos que seguem e caracterizam essa condição de sentir-se sobrecarregado por demandas diversas e inconciliáveis. "Estou sendo o que? Aí eu sou professora de conteúdo, aí eu sou psicóloga, psicoterapeuta... Porque o menino chegou estressado... Aí vai... às vezes a gente se envolve em várias situações" (E6).

Mas a família, ela não tem essa clareza. Ela quer que a gente dê conta, muitas vezes, do social, que não é o caso. Já recebi recados esse ano. O que eu vou fazer pela filha. Está sem material. A mãe quer que eu resolva. Eu tenho que dar lápis, eu que tenho que dar caderno. Até o material a mãe quer que eu resolva. Professor é o que tem que resolver. Muitas vezes tem que ser psicólogo, tem que ser assistente social, tudo. Porque, às vezes, a criança chega sem comer na sala, ela chega sem material, ela chega suja. (E4)

Tal cenário, no qual os docentes necessitam cumprir papéis que não lhes cabem, seja pela inexistência de profissionais de apoio específico no ambiente escolar, pela negligência familiar ou pela vulnerabilidade dos alunos e seus familiares, além de caracterizar sobrecarga e conflito, concorre ainda para caracterizar uma concepção que tem sido trabalhada mais recentemente na literatura sobre os estressores, qual seja, a das tarefas ilegítimas. De acordo com Semmer et al. (2015), são aquelas tarefas que os trabalhadores não julgam correto que se espere deles, pois não estão em conformidade com o seu papel. Além de estressantes em si, se tornam mais incômodas pela percepção da sua ilegitimidade, configurando uma espécie de ofensa à identidade profissional do sujeito (Semmer et al., 2015). Este, então, se vê premido entre o cumprimento do planejamento previsto em termos de conteúdo a ser trabalhado em sala de aula (o papel de professor) e a emergência de outras funções que não lhe são próprias.

Eu acho que a função do professor, hoje, ela está tomando um caminho que é bem diferente do processo da escolarização. (...) Eu acho que dentro da sala de aula, hoje, a gente trabalha mais com a questão de educar o menino que chega de casa sem limites, sem valores. (E2)

Então, ao invés de ensinar o conteúdo, você tem que ensinar, por exemplo, essa semana, que eles têm que tomar banho, porque tá tendo cheiro ruim na sala. Então..., coisa da família e que é transmitida para a escola. Esse eu acho que é o maior desafio que a gente tem nesses últimos tempos. (E4)

O grau de responsabilidade associado ao papel pode se referir tanto a bens e recursos quanto à segurança e à vida de pessoas, sendo essa última modalidade uma fonte comumente maior de tensão (Cooper et al., 2001), manifestada pelos entrevistados, especialmente aqueles regentes de turmas do ensino fundamental I. Conforme por eles relatado, as crianças na fase de alfabetização têm na figura do professor uma imagem de segurança, um modelo a ser seguido e isso se torna, muitas vezes, pesado, principalmente porque várias dessas crianças são provenientes de lares com sérios problemas de desestruturação familiar.

(...) porque eles acabam transferindo o que, muitas vezes, eles não transferem para o pai e para a mãe, que seria o ideal fazer a transferência. Pela falta, que são pais alcoólatras, pais que mexem com drogas, pais que não têm a presença. Então, o apoio sou eu. Então, como se fosse a base deles ali, sou eu, naquele momento (...) Isso chega a ser um pouquinho desgastante, às vezes, porque uma hora você vai frustrar. (E4)

Dentre as categorias que apresentaram certa frequência, não se mostrando, porém, tão relevantes, cumpre mencionar a interface trabalho-família e os fatores organizacionais. Com relação à primeira, foram mais mencionadas pelos docentes as subcategorias conflitos por estresse e conflitos por tempo. No primeiro caso, ocorre a transferência de reações emocionais negativas (como irritabilidade) do trabalho para casa (Cooper et al., 2001; Jex & Britt, 2008). Os relatos são de que, muitas vezes, os aborrecimentos e tensões vivenciados no cotidiano de trabalho acabam contaminando a qualidade das relações no lar, pois nem sempre é possível separar as duas esferas. No segundo caso, as exigências do trabalho dificultam o atendimento às demandas do lar (Cooper et al., 2001; Jex & Britt, 2008), o que, conforme os entrevistados, caracteriza sua rotina, já que levam, normalmente, grande volume de trabalho para casa, privando-os da convivência familiar, mesmo em finais de semana ou feriados, como também indicado por outros autores (e.g., Carlotto et al., 2018; Zille & Cremonesi, 2013).

Os aspectos problemáticos atinentes a fatores organizacionais foram representados por quatro subcategorias que vêm sendo discutidas na literatura sobre estressores organizacionais (e.g., Cooper et al., 2001; Jex & Britt, 2008). A primeira trata da baixa participação nas decisões institucionais que, muitas vezes, emanam de instâncias superiores, acarretando aumento de trabalho e pouca funcionalidade na rotina escolar. A segunda se refere à interferência da gestão nas decisões cotidianas de trabalho docente, também observada por Gutierrez (2017), Rodrigues et al. (2017) e Weber et al. (2015), que identificaram o estilo de gerenciamento como um estressor docente; sendo que, no presente caso, mostrou-se mais

abrangente, incluindo desde situações em que o diretor contradiz um posicionamento do professor frente ao aluno até aquelas em que o Estado cria mecanismos que dificultam a cobrança do professor por maior comprometimento em sala de aula. A terceira concerne ao baixo suporte organizacional, que se manifesta pela falta de apoio da instituição para o funcionamento dos equipamentos, organização de eventos e decisões do professor em sala de aula. A quarta e última abrange a formalização inadequada dos procedimentos de trabalho, representada pelas contradições nas normativas para o uso de recursos no ambiente de trabalho e de direitos do trabalhador (como a obtenção de férias prêmio). Vale observar que as três primeiras subcategorias tangenciam aspectos relativos à falta de autonomia docente, que também foi relatada por Zurlo et al (2007) como um estressor entre os professores italianos.

Por fim, os assuntos englobados nas categorias que trataram do desenvolvimento de carreira, recursos e comunicação e remuneração e benefícios foram pouco tangenciados, se restringindo mais à falta de segurança no trabalho para os docentes que não são servidores efetivos; à inadequação de alguns materiais disponíveis, problemas no funcionamento de equipamentos e, principalmente, sua escassez, o que deixa os docentes sem alternativas para diversificar as aulas. Quanto aos problemas com a remuneração, caracterizados principalmente pelos baixos salários e pelo atraso no pagamento, cumpre problematizar a pouca expressão a eles conferida, já que este costuma emergir como um dos maiores estressores docentes em outras pesquisas (e.g., Mouza & Souchamvali, 2016; Vale et al., 2015; Zille & Cremonesi, 2013). Carlotto et al. (2018) refletem sobre tal fato, também observado em seu estudo, pontuando que os estressores emergentes das relações sociais parecem estar se sobrepondo a aspectos tais como a baixa remuneração, o que também é enfatizado por Gutierrez (2017) ao atribuir às relações humanas forte influência na dinâmica do estresse docente. Cabe, todavia, ponderar que, embora os docentes não este-

jam enfatizando os baixos salários diretamente como um estressor, este se encontra operando indiretamente ao sujeitar estes profissionais ao acúmulo de cargos, conduzindo aos estressores associados à sobrecarga quantitativa de tarefa e aos conflitos na interface trabalho-família.

Considerações finais

Tendo em vista o objetivo do estudo que consistiu em caracterizar os estressores ocupacionais no exercício da atividade docente, a partir dos relatos de professores atuantes em duas instituições públicas de educação básica, os resultados obtidos fortalecem a noção de que uma abordagem qualitativa de análise, fundamentada em arcabouço teórico consistente, pode contribuir tanto para desvelar peculiaridades da realidade em foco, quanto para alargar a compreensão acerca do conteúdo dos estressores clássicos, fornecendo subsídios à construção e ao refinamento de medidas direcionadas à identificação das fontes de tensão no trabalho.

Considerando-se que os aportes teóricos devem auxiliar na organização dos achados das pesquisas, de modo a conduzir ao avanço do conhecimento, a aplicabilidade da tipologia de estressores adotada ao trabalho docente, além de proporcionar a organização de subcategorias que refletiram, em boa parte, o que vem sendo observado em outros estudos sobre o estresse do professor na educação básica, permitiu abrir uma via de comunicação com as pesquisas sobre estresse junto a outras categorias ocupacionais. Isso facilita que as fontes de tensão experimentadas na docência venham a ser examinadas em paralelo àquelas vivenciadas por profissionais de outras áreas, de modo a se levantar tendências comuns na organização do trabalho que se encontram na origem desses estressores, tais como a precarização e, que embora assumam feições particulares nas diferentes ocupações, partem de um denominador comum, que merece ser evidenciado e problematizado nas pesquisas.

Dentre os estressores mais enfatizados pelos respondentes, com respaldo nos demais estudos da área, destacaram-se, nessa ordem:

1. A infraestrutura deficitária das escolas e a sobrecarga quantitativa de tarefa, classificadas na categoria fatores intrínsecos ao trabalho.

2. O baixo suporte de pais e responsáveis, as dificuldades no relacionamento com os alunos e o desinteresse e apatia por parte deles, agrupados na categoria relacionamentos no trabalho.

3. A sobrecarga de papéis e o conflito entre transmissores de papel, que se referem à categoria papel na organização. Mencionados de forma mais moderada e corroborando achados de outras pesquisas, têm-se, ainda, os conflitos por tempo, na categoria interface trabalho-família e o estilo de gestão, na categoria fatores organizacionais.

Concernente às peculiaridades dos achados aqui obtidos, a sobrecarga qualitativa de tarefa (fatores intrínsecos ao trabalho), o grau de responsabilidade (papel na organização), os conflitos por estresse (interface trabalho-família) e a formalização inadequada dos procedimentos de trabalho (fatores organizacionais) são subcategorias que embora não constatadas em outros estudos entre docentes da educação básica, o foram em pesquisas em outros contextos profissionais (e.g. Cooper et al., 2001; Jex & Britt, 2008). Manifestando-se também na realidade de trabalho de outros profissionais, ainda que negligenciado nas pesquisas, estão os relacionamentos com o público, visto que normalmente concebidos e explorados em termos de interação com colegas e superiores. Jex e Britt (2008) já salientavam que algum trabalho conceitual precisaria ser desenvolvido para trazer maior clareza sobre as formas pelas quais o conflito interpessoal pode se manifestar nas organizações, dado que é variável relevante e mais complexa do que têm indicado as pesquisas. Desse modo, os achados desse estudo contribuem para discutir a razoabilidade de se ampliar a compreensão desse estressor, para além das interações com colegas e superiores.

Salientam-se, por fim, as limitações do estudo, que se circunscreveu ao caso de duas instituições públicas de educação básica, em um dos estados brasileiros, mesmo que boa parte dos estressores identificados corroborem achados anteriores na literatura do tema. Deve-se também ter em

mente que ao focalizar somente os estressores, traz informações parciais sobre a dinâmica do processo de estresse, uma vez que não aborda suas consequências e tampouco o efeito moderador de diferenças individuais e aspectos contextuais. Assim, ainda que estes resultados possam ser úteis para orientar o desenho de intervenções organizacionais nas instituições analisadas, com respeito a elementos, tais como, o suporte organizacional e o estilo de gestão, no que tange à concessão de maior apoio e autonomia aos profissionais, novos levantamentos que contemplem os demais elementos presentes no processo de estresse, nas referidas instituições, merecem ser realizados, com vistas a traçar um quadro mais completo para a compreensão do fenômeno em curso.

Por fim, cumpre ponderar que sendo o estresse ocupacional um problema não apenas de natureza organizacional, mas societal, espera-se que os resultados obtidos contribuam para elucidar aspectos merecedores de atenção por parte daqueles que elaboram políticas públicas, pois alguns dos maiores estressores observados são devidos à precarização do trabalho na educação básica. Infraestrutura deficitária e baixos salários que levam ao acúmulo de cargos e turmas são problemas que se encontram relacionados à boa parte dos estressores e que têm estado presentes na pauta de reivindicações da categoria. Soma-se a isso, a baixa participação nas decisões que emanam de instâncias superiores e refletem negativamente na rotina de trabalho e torna-se compreensível que enquanto o poder público seguir desconsiderando essas questões, tais estressores permanecerão atuantes e com grande potencial de ocasionar níveis crescentes de deterioração da saúde e qualidade de vida desses profissionais.

Referências

Albuquerque, G. S., Lira, L. N., Santos, I. Jr., Chiochetta, R., Perna, P., & Silva, M. J. (2018). Exploração e sofrimento mental de professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná. *Trabalho, Educação e Saúde*, 16(3), 1.287-1.300. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00145>

- Araújo, T. M., Pinho, P. S., & Masson, M. L. (2019). Trabalho e saúde dos professores e professoras no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35, 1-14. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00087318>
- Assunção, A. A., & Abreu, M. N. S. (2019). Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da educação básica no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35, 1-16. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00169517>
- Birolim, M. M., Mesas, A. E., González, A. D., Santos, H. G., Haddad, M. C. F. L., & Andrade, S. M. (2019). Trabalho de alta exigência entre professores: associações com fatores ocupacionais conforme o apoio social. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1255-1264. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018244.08542017>
- Bardin, L. (2018). *Análise de conteúdo*. 5. ed. Lisboa: Edições 70.
- Beehr, T. A., & Glazer, S. (2005). Organizational roles. In J. Barling, E. K. Kelloway, & M. R. Frone, (Eds.), *Handbook of work stress* (pp. 7-33). Sage
- Borges, L. O., Guimarães, L. A. M., & Silva, S.S. (2013). Diagnóstico e promoção da saúde psíquica no trabalho. In L. O. Borges, & L. Mourão (Eds.), *O trabalho e as organizações: atuações a partir da psicologia* (pp. 581-618). Artmed.
- Carlotto, M. S., Câmara, S., Diehl, L., Ely, K., Freitas, I., & Schneider, G. (2018). Estressores ocupacionais e estratégias de enfrentamento. *Revista Subjetividades*, 18(1), 92-105. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v18i1.6462>
- Codo, W., Soratto, L., & Vasques-Menezes, I. (2004). Saúde mental e trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Eds.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (pp.276-299). Artmed.
- Cooper, C. L., Dewe, P. J., & O'Driscoll, M. P. (2001). *Organizational stress: A review and critique of theory, research, and applications*. Sage.
- Cooper, C. L., & Marshall, J. (1976). Occupational sources of stress: a review of the literature relating to coronary heart disease and mental ill health. *Journal of Occupational Psychology*, 49, 11-28. http://dx.doi.org/10.1057/9781137310651_1
- Cortez, P. A., Souza, M. V. R., Amaral, L. O., & Silva, L. C. A (2017). A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 25, 113-122. <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201700010001>
- Dewe, P. & Cooper, C. (2021). *Work and stress: a research overview*. Routledge.
- Gomes, T., & Puente-Palacios, K. (2018). Estresse ocupacional, um fenômeno coletivo: evidências em equipes de trabalho. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 18(4), 485-493. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2018.4.14415>
- Gutierrez, L. A. C. (2017). Configuraciones categoriales respecto a fuentes de estrés en los profesores. *Revista de Investigacion Psicológica*, 17, 29-49. http://www.scielo.org/bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-30322017000100004
- Jex, S. M., & Britt, T. W. (2008). *Organizational psychology: a scientist-practitioner approach* (2nd ed.). John Wiley & Sons.
- Johnson, S., Cooper, C., Cartwright, S., Donald, I., Taylor, P., & Milet, C. (2005). The experience of work-related stress across occupations. *Journal of Managerial Psychology*, 20(2), 178-187. <https://doi.org/10.1108/02683940510579803>
- Mouza, A. M., & Souchamvali, D. (2016). Effect of Greece's new reforms and unplanned organizational changes on the stress levels of primary school teachers. *Social Indicator Research*, 128(3), 981-994. <http://dx.doi.org/10.1007/s11205-015-1065-8>
- Pereira, E., Teixeira, C., Pelegrini, A., Meyer, C., Andrade, R., & Lopes, A. (2014). Estresse relacionado ao trabalho em professores de educação básica. *Ciencia & Trabajo*, 16, 206-210. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-24492014000300013>
- Reis, E., Carvalho, F., Araújo, T., Porto, L., & Silvano Neto, A. (2005). Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(5),1480-1490. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000500021>
- Rodrigues, F., Paula, K., & Silveira, K. (2017). Concepções sobre mediação da aprendizagem e relações com indicadores de estresse ocupacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21, 253-263. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2017/02121112>
- Santos, M. J. H., Moreira, S., Carreiras, J., Cooper, C., Smeed, M., Reis, M. F., & Miguel, J. P. (2018). Portuguese version of a stress and well-being evaluation tool (ASSET) at the workplace. *BMJ Open*, 8(2), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2017-018401>
- Semmer, N. K., Meier, L. L., & Beehr, T. (2015). Aspectos sociais do trabalho: mensagens sociais diretas e indiretas que transmitem respeito ou desrespeito. In A. M. Rossi, J. Meurs, & P. Perrewé (Eds.), *Stress e qualidade de vida no trabalho*. Atlas.
- Silva, G. (2019). (Re)Conhecendo o Estresse no Trabalho. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12, 51-61. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120105>
- Skaalvik, E. M., & Skaalvik, S. (2017). Dimensions of teacher burnout: relations with potential stressors at school. *Social Psychology of Education*, 20, 775-790. <http://dx.doi.org/10.1007/s11218-017-9391-0>
- Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C., Silva, M. J. S., & Petterle, R. R. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate*, 42, 87-99. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201811607>
- Vale, S. F., Maciel, R. H., & Carlotto, M. S. (2015). Propriedades psicométricas da escala de percepção de estressores ocupacionais dos professores (EPEOP). *Psicologia Escolar e Educacional*, 19, 575-583. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193906>
- Valle, L. E. R., Reimão, R., & Malvezzi, S. (2011). Reflexões sobre psicopedagogia, estresse e distúrbios do sono do professor. *Revista de Psicopedagogia*, 28(87), 237-245. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300004

Väänänen, A., Antilla, E., Turtiainen, J., & Varje, P. (2012). Formulation of work stress in 1960-2000: Analysis of scientific works from the perspective of historical sociology. *Social Science & Medicine*, 75, 784-794. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2012.04.014>

Viapiana, V., Gomes, R., & Albuquerque, G. (2018). Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. *Saúde Debate*, 42, 175-186. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042018S414>

Weber, L. N. D., Leite, C. R., Stasiak, G. R., Santos, C. A. S., & Forteski, R. (2015). O estresse no trabalho do professor. *Imagens da Educação*, 5(3), 40-52. <http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v5i3.25789>

Zanelli, J. C. (2015). Estresse nas organizações de trabalho. In P. Bendassoli, & J. E. Borges-Andrade (Eds.), *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações* (pp. 333-340). Casa do Psicólogo.

Zille, L. P., & Cremonesi, A. M. (2013). Estresse no trabalho: estudo com professores da rede pública estadual de Minas Gerais. *Reuna*, 18(4), 111-128. <https://revistas.una.br/reuna/article/view/586>

Zurlo, M. C., Pes, D., & Cooper, C. (2007). Stress in teaching: a study of occupational stress and its determinants among Italian school teachers. *Stress and Health*, 23, 231-241. <http://dx.doi.org/10.1002/smi.1141>

Virginia D. Carvalho

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil, com período sanduíche na Norwegian University of Science and Technology (NTNU), em Trondheim, na Noruega. Professora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), no Campus Varginha, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Virginia D. Carvalho
Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha
Rua Celina Ferreira Ottoni, 4000
37048-395
Varginha, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.